

Como funciona a propriedade intelectual quando há colaboração na indústria?



Há alguns anos e, especialmente, durante a crise gerada pela COVID-19, a colaboração no setor da saúde começou a ser uma ferramenta fundamental para a busca de inovação. Mais especificamente, a colaboração dentro da indústria farmacêutica assegura o financiamento, proporciona acesso a novas tecnologias, ajuda a superar barreiras e fortalece as áreas debilitadas.

Um exemplo disso é a criação e produção de vacinas contra a COVID-19, que até hoje já tornou possível a vacinação de mais de [649 milhões de pessoas](#) no mundo todo. Segundo Thomas Cueni, diretor da Federação Internacional de Fabricantes e Associações Farmacêuticas (IFPMA), sem a colaboração de várias partes, teria sido impossível ter a capacidade de fabricação de todas as doses que temos agora.

Estas novas perspectivas de medicamentos e tratamentos seriam improváveis se não fosse pela Propriedade Intelectual (PI), pois é a PI que permite a existência de recursos para pesquisas e projetos futuros que propõem um melhor bem-estar para todas as pessoas. No entanto, a PI deve ser concedida a uma empresa ou pessoa física, mas com estes exemplos colaborativos de criação, a quem é concedida a PI?

Não deve se ignorar que ambas as partes que contribuíram para a criação de um medicamento ou tratamento têm o potencial de continuarem criando, portanto é importante reconhecer o trabalho de todos os envolvidos, pois desta forma será possível promover novas criações no futuro. A PI neste ecossistema de criação é fundamental, pois permite assumir riscos econômicos para inovar e pesquisar.

Por outro lado, como Cueni explicou em um debate sobre as vacinas contra a COVID-19 feito pelo [The Munk Debates](#), a PI é apenas uma pequena parte de uma criação, pois o que é realmente importante é saber como o medicamento é feito, como ele funciona em humanos ou como treinar as pessoas que fazem esses medicamentos. Em outras palavras, a PI é apenas um reflexo de tudo o que está por trás de uma criação.

Compartilhando a PI

Em termos práticos, cada parte envolvida é responsável por um item diferente dentro da criação, como por exemplo a descoberta de um novo ingrediente ou uma nova tecnologia que foi utilizada para extrair o ingrediente. Isto significa que a PI pode ser usada para partes específicas da criação, mas não precisa necessariamente ser usada para o medicamento ou tratamento em geral.

Os direitos de PI dependerão então de uma série de fatores para cada parte, tais como seu nível de especialização, estrutura ou as atividades que tiveram que realizar para atingir o objetivo. Isto também implica que a logística em torno da PI deve ser decidida antes do início de uma colaboração, pois isto evitará obstáculos em processos futuros.

Por exemplo, é possível prever que nenhuma das partes proteja o medicamento ou o tratamento sem o conhecimento da outra parte, ou é possível licenciar a parte que não tem o direito de PI para usá-lo para um propósito conjunto. Em outras palavras, mesmo que a PI possa acabar sendo outorgada a uma única empresa, é possível que todos os membros do projeto tenham os direitos de utilizá-lo através de uma licença.

Da mesma forma, as contribuições que cada parte dá devem ser estabelecidas previamente, já que a contribuição econômica que cada um vai receber depende disso. Em resumo, se na criação de um medicamento uma das duas partes fornecer mais tecnologia, mais ingredientes primários ou mais pesquisa, ela deveria receber maiores benefícios econômicos.

Além disso, entidades como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico ([OCDE](#)) recomendam que os projetos conjuntos sempre tenham uma pessoa designada para ser exclusivamente responsável pela PI, para que ela possa coordená-la e renová-la caso seja necessário. Ao mesmo tempo, esta ajuda permitirá que pequenas empresas ou universidades dedicadas exclusivamente à pesquisa compreendam o valor da PI para continuar com a inovação e melhorar a tecnologia.

Isto, naturalmente, não seria possível se as partes não confiassem umas nas outras. As pesquisas de medicamentos e tratamentos envolve informações que as empresas vêm coletando e refinando há anos que devem ser compartilhadas. Além disso, esta confiança no outro pressupõe uma certa flexibilidade dentro da colaboração, pois pode ser que, em um processo de pesquisa, uma parte perceba que pode resolver uma necessidade específica que não estava contemplada previamente.

O futuro da colaboração

O fato de compartilhar informações se tornou, ao longo do tempo, um elemento-chave da inovação em um entorno colaborativo. Os avanços da ciência têm se consagrado ao longo dos anos, permitindo que produtos protegidos pela PI sejam utilizados em novas formulações equivalentes a novos medicamentos e

tratamentos. Ao mesmo tempo, compartilhar produtos que são protegidos torna as informações confiáveis, abrangentes e de alta qualidade.

Desta forma, os esforços de pesquisa são únicos, porque uma nova criação começa com uma sólida base de dados decorrente de colaborações, em vez de diferentes fontes de informação de cada parte em esforços isolados para criar alguma coisa nova.

Além disso, nenhum setor ou empresa que trabalhe sozinha pode aspirar a atingir uma grande parte da população mundial. Portanto, se o desejo é chegar às partes mais remotas do mundo e à maior parte da população, será necessária a colaboração, pois os medicamentos e tratamentos fazem parte da saúde, mas devem ser acompanhados, por exemplo, por profissionais da saúde e infraestrutura.

Em conclusão, é evidente que a PI funciona como um impulso para a inovação na saúde, pois os benefícios que ela traz permitem investimentos na pesquisa e testes por trás de um medicamento e tratamento. Não obstante, a PI é flexível, o que significa que quando há colaboração, ambas as partes podem ser beneficiadas.

Com a pandemia de COVID-19, foi demonstrado que a colaboração é necessária para atingir resultados melhores e mais rápidos. Assim, a ciência chegou a um lugar onde pode promover um ecossistema de inovação que é benéfico e permite escalar qualquer projeto, por mais ambicioso que ele seja, entre duas ou mais partes. Afinal de contas, as melhores ideias nascem em lugares onde há mais e melhor informação, onde há mais experiência e onde há a possibilidade de entregar o melhor medicamento aos pacientes do mundo.

Fontes

[Collaboration is the key to innovation in pharma](#)

[Collaborative Mechanisms for Intellectual Property Management in the Life Sciences](#)

[Five of the most recent pharma collaborations in 2020](#)

[How Academia and the Pharmaceutical Industry Can Work Together](#)

[Pharma Collaborations in the Covid-19 Era Come With Legal Risks \(1\)](#)

[Tracking Coronavirus Vaccinations Around the World](#)

[Vaccines](#)

[Will the pharmaceutical industry keep collaborating after COVID-19? Novartis and Bristol Myers Squibb CEOs say it has to](#)